

CRÍTICA TEATRO | COYOTE

POR CLÁUDIO HANDREY

A obra do autor escocês Eric Coble é um afago aos amantes do bom teatro. Numa tradução fluida de Diego Teza, o texto propõe uma viagem onírica, pela qual somos fisgados desde que um sax ecoa – trilha elegante e delicada de Marcello H. – atravessando nossas emoções ao descortinar o espetáculo. Com uma discussão existencialista, um humor patético instala-se nos vocábulos engendrados por Coble. Duas personagens solitárias estabelecem uma relação ao se depararem com a presença do coyote, um animal selvagem que adentra o prédio onde moram.

Fascinados pelo mamífero invasivo tornam-se cúmplices em situações inusitadas ao abordarem questões do capitalismo desenfreado, do individualismo gritante, da deterioração ambiental e o impacto na saúde física e mental do ser humano. “Coyote” nos faz refletir como a humanidade rechaça cada vez mais a natureza, produzindo seu próprio abismo. Há uma inspiração beckettiana na narrativa, a julgar pela percepção do desespero em habitar um mundo insustentável, onde o sentido da vida torna-se questionável.

O destaque é a sintonia fina que a dupla de atores concebe, revelando técnica apurada, numa envergadura cênica raramente exibida nos palcos. Ambos exa-



Karen Coelho e Rodrigo Pandolfo: cumplicidade entre seus personagens e sintonia perfeita

Contracena primorosa

lam segurança, traduzem poeticamente a temática proposta, além de instituírem um ritmo vertiginoso, com pausas abruptas repletas de significado, já que

assinam também a condução da montagem, em que todas as funções agregam adequadamente. Vale ressaltar o perigo de estar em cena e dirigir ao mesmo tem-

po, mas sensíveis e perspicazes buscaram um olhar atento do diretor Jefferson Miranda. Karen Coelho personifica sua Melinda com a dureza daquela que

trabalha exaustivamente, numa aridez e estranheza de quem vive sufocada por hábitos automatizados. Rodrigo Pandolfo constrói seu Tony filigranadamente, numa expressão corporal vergável, mesclando humor e tristeza ao cortar as palavras repetidamente, sem que nada pareça inaudível, desvelando com sabedoria a fragilidade daquele homem sem ocupação, numa desesperança aterradora.

Outro acerto é o cenário de Cassio Brasil, recheado de simbolismo, em que um piso emborrachado de crossfit desvela uma metrópole cimentada, numa ideia de que as personagens estivessem num esforço brutal para alcançarem o sentido das coisas, o quadrado em que estamos aprisionados e insociáveis, e por baixo da estrutura a terra se mostra, num jorro metafórico de extrema beleza. O figurino do mesmo é simples e apropriado. A luz de Ney Bonfante é delicada, num realce ao desenhar folhas de árvores contrastando com o chão petrificado. “Coyote” pode ser a porta aberta para nos conectar com a natureza, com os animais, e nos permitir criar laços para que consigamos tráfegar por aqui com alguma tranquilidade.

SERVIÇO COYOTE

Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo) Até 1/3, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h) Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NA RIBALTA POR AFFONSO NUNES



Pressão social e escolhas

A peça “Zero Grau”, com texto a atuação de Beatriz Napolitani, está em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal. A montagem acompanha Amanda, jovem de família abastada que enfrenta conflitos existenciais durante sessões de psicanálise nos anos 1980. O espetáculo utiliza metalinguagem ao estabelecer diálogo com ‘Hedda Gabler’, de Henrik Ibsen, entrelaçando a ficção da personagem com a trajetória da atriz que a interpreta. A narrativa explora questões sobre identidade, pressão social e escolhas individuais. Até 8/2



Inclusão e visibilidade

A Cia Os Buriti, com três décadas de atividade, apresenta ‘Depois do Silêncio’ no Teatro Poeira. O espetáculo reúne as atrizes Camila Guerra, Naira Carneiro e Renata Rezende em cena, combinando teatro e dança. A montagem retrata a história de Anne Sullivan e Helen Keller, estabelecendo paralelo entre os anos 1890 e a contemporaneidade. Encenado em português e libras pelas próprias intérpretes, o trabalho promove acessibilidade ao público surdo e aborda questões sobre inclusão e visibilidade de pessoas com deficiência. Até 25/2



Ativismo em cena

O espetáculo ‘Minha Vó Ri’, primeiro solo da atriz Julia Bernat com direção de Débora Lamm, está em cartaz no CCBB até 9 de fevereiro. A montagem combina autoficção e palestra-performance para abordar memórias familiares e a história do ativismo lésbico no Brasil e no mundo. O trabalho resgata figuras como a ativista Rosely Roth e a cineasta Chantal Akerman. A trilha sonora reúne canções de Ângela Ro Ro, Cássia Eller e Leci Brandão. A peça explora questões de ancestralidade e visibilidade lésbica. Até 9/2